

AGRADECIMENTOS

Senti-me desassossegado. As palavras ganham um novo sentido quando não se tornam previsíveis; adquirem nova vida quando propõem olhares e despertam sensibilidades, quando inquietam o pensamento. E tornam-se sempre insuficientes quando com elas queremos dizer o que nos vai para lá da alma. Como agora.

O contacto com realidades sociais, geográficas, políticas, religiosas e culturais desconhecidas é, por natureza, uma experiência enriquecedora. Nesta medida, momentos há na vida, porventura momentos mais intensos de alteração interior, em que nos sentimos particularmente tocados pela dimensão humana, simbólica e ecológica de outras gentes e de outros lugares que não aqueles que habitamos. Não por uma qualquer conjectura social ou cultural, não por simples formalismo estético ou poético, não por mera curiosidade científica.

É como se através das narrativas perscrutadas fôssemos necessariamente impelidos a (re)questionar a nossa posição crítica sobre esta «condição» que experienciamos neste tempo e neste espaço, de dinamismo, de complexidade e, provavelmente, de *síntese(s)*. Por outras palavras, é como se as «histórias de vida» aqui vertidas, ao fazerem-nos «participar» de uma *memória social* colectiva (des)territorializada e ao darem-nos a possibilidade de ajudar a «(re)construí-la», nos libertassem do jugo do passado, das incongruências do presente, e nos estimulassem a vivificar e a alargar a nossa (cosmo)visão num mundo futuro.

Neste sentido, as dívidas de gratidão pessoal acumuladas ao longo do tempo que a feitura deste livro requereu – entre reflexão teórica, trabalho de campo, pesquisa bibliográfica e escrita – são extensas, que cumpre agora mencionar e agradecer.

Em primeiro lugar, quero deixar uma palavra de muita consideração pessoal e académica ao Prof. Doutor José Fialho Feliciano, eterno instigador de mentes inquietas, com quem (re)descobrimos o prazer de pensar com outros olhares, diferentes espaços geográficos e cosmológicos. Não posso deixar de lhe agradecer o cuidado depositado e o tempo despendido na feitura do prefácio e no acompanhamento crítico da reflexão teórica e pesquisa bibliográfica, que se prolongaram, com o mesmo compromisso, pelo período de elaboração deste livro. O seu estímulo científico e, sobretudo, a sua intérmina capacidade de transmitir serenidade nos momentos mais críticos, são qualidades académicas e pessoais que devo aqui realçar.

Uma menção igualmente especial, para Lívio de Moraes, conhecido e reconhecido artista plástico moçambicano, que com um saber teórico e de experiência (con)vivida, nos levou à aventura do conhecimento científico, da sensibilidade estética e da interioridade humana. Pela mão de vivências próprias (com)partilhadas, aqui pretendemos deixar um profundo, sentido e público reconhecimento pela diferença com que assinou e intensamente viveu este projecto. Para Lívio de Moraes reservo uma passagem para a outra margem da amizade e um lugar incontestado no recanto do coração e da *memória social* «individual».

De igual modo, um particular agradecimento à Maura Tamele, por ser porto de partida e farol de chegada deste complexo projecto: pelo(s) seu(s) afecto(s) incondicional(ais) e apoio ininterrupto, pelo seu permanente encorajamento e incomensurável paciência. Sem ela, este trabalho não teria sido *simplesmente* concluído.

Aos amigos mais recentes e aos do tempo longo, também quero expressar o meu apreço, pela maneira generosa e afectuosa como me incentivaram a prosseguir nos momentos de impasse e de maior intranquilidade: Carlos Miguel, Fernando Florêncio, Fernanda Alvim, Rita Vaz, Manuel Serafim, Magda Vilela, Georgina Ginja, Mónica Mendes, Maria João, Pedro Castanha, Hélder Jauana, Carlos Bavo, Rui Correia, e todos os *Vanghano* de Mandlakasi; trouxeram saberes e afabilidades específicas que fui incorporando ao longo de todo este percurso de demanda pessoal e académica.

Para a família, não encontro as palavras apropriadas. Direi simplesmente que, com eles, valeu a pena levar adiante a elaboração deste livro: Carolina, Rui Pedro, David Antunes, Edgar Antunes, João Nelson, Tiago Miguel, Rui Alexandre, Luís Filipe, avó Conceição, padrinhos, primos e tios. De forma idêntica, para os meus falecidos avós, um respeitoso e saudoso muito obrigado: à *kokwane* Maria pelo amor incondicional, ao *inkosi* Manuel pela estética *da* existência humana, ao *mulumuzana* Tomáz pela integridade ética *na* existência humana.

Finalmente, aos meus pais, José e Delminda – principais cúmplices em todo este moroso e imerso processo – devo o meu especial *agradecimento*, por terem sido sempre, sinal, caminho e motivação para todo o(s) *sentido(s)* da vida: sei que é a vós que devo o facto de *ver* aquilo que hoje *vejo*.

Que os resultados não desmereçam o esforço daqueles que os propiciaram e incentivaram.

LISBOA, Abril de 2009

Vitor Alexandre Lourenço